



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Uma estratégia pedagógica para o ensino da arquitetura e do urbanismo no Brasil: Abordagem experimental como complemento ao método tradicional

*A pedagogical strategy for the teaching of architecture and urbanism in Brazil:
experimental approach as a complement to the traditional method*

*Una estrategia pedagógica para la enseñanza de la arquitectura y el urbanismo
en Brasil: enfoque experimental como complemento al método tradicional*

CAMPELLO, Mauro Santoro

*Mestre, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal de Juiz de Fora,
mauro.campello@arquitetura.ufjf.br*

OLIVEIRA, Gabriel Micherif Filgueiras e

*Acadêmico, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal de Juiz de Fora,
gabriel_micherif@hotmail.com*

DUQUE, Raiane Rosi

*Acadêmica, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal de Juiz de Fora,
raianerosi@gmail.com*

RESUMO

Este artigo possui como objetivo abrir uma discussão sobre a possibilidade de se elaborar uma nova proposta metodológica para o ensino em Arquitetura e Urbanismo no Brasil, conceituada como uma estratégia pedagógica a ser adotada. Para tal, serão apresentadas duas metodologias de ensino: a tradicional, predominante no Brasil, e a experimental, adotada por universidades de renome no cenário do ensino mundial. Desta forma, suas características podem ser comparadas e analisadas de forma a objetivar a proposta deste documento: há a possibilidade de interagir dois métodos de ensino distintos no atual contexto brasileiro? Analisando a situação atual do ensino no país em conjunto com as constantes transformações da sociedade, não resta dúvida de que a formação profissional necessita de se munir com técnicas e abordagens diferenciadas das empregadas, uma vez que a realidade da era da informação se apresenta completamente distinta da realidade na qual os métodos de ensino vigentes foram elaborados.

PALAVRAS-CHAVE ensino, metodologia, tradicional, experimental.

ABSTRACT

This paper aims to open a discussion on the possibility of drawing up a new methodological proposal for teaching in Architecture and Urban planning in Brazil, conceptualized as a pedagogical strategy to be adopted. To this end, two teaching methodologies will be presented: the traditional, predominantly in Brazil, and the experimental, adopted by leading universities in the scenario of world education. Thus, their characteristics can be compared and analyzed in order to objectify the purpose of this document: there is the possibility of interacting two different teaching methods in the current Brazilian context? Analyzing the current situation of education in the country together with the constant changes in society, there is no doubt that vocational



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

training needs to equip itself with techniques and different approaches of the employed, since the reality of the information age presents itself completely different of the reality in which the current teaching methods were developed.

KEY-WORDS *education, methodology, traditional, experimental.*

RESUMEN (100 a 250 palabras)

En este trabajo se pretende abrir un debate sobre la posibilidad de elaborar una nueva propuesta metodológica para la enseñanza en Arquitectura y Urbanismo en Brasil, conceptualizado como una estrategia pedagógica que debe adoptarse. Con este fin, se presentarán dos metodologías de enseñanza: el tradicional, sobre todo en Brasil, y el experimental, adoptada por las universidades líderes en el escenario de la educación mundial. Por lo tanto, sus características pueden ser comparados y analizados con el fin de objetivar el propósito de este documento: ¿existe la posibilidad de interactuar dos métodos de enseñanza diferentes en el contexto brasileño actual? Analizando la situación actual de la educación en el país junto con los constantes cambios en la sociedad, no hay duda de que la formación profesional tiene que dotarse de técnicas y enfoques diferentes de la propia, ya que la realidad de la era de la información presenta completamente diferente la realidad en que se desarrollaron los métodos de enseñanza actuales.

PALABRAS-CLAVE: *educación, metodología, tradicional, experimental.*

1 INTRODUÇÃO

Não resta dúvida de que o século XXI traz para a humanidade desafios de dimensões e necessidades diversas, tendo a arquitetura e o urbanismo como duas das disciplinas que os enfrentam constantemente. E estes desafios não podem ser encarados como há 50 anos. Portanto, os arquitetos e urbanistas, para respondê-los, terão de se municiar de linguagens e ferramentas diferentes daquelas empregadas? Acreditamos que sim, por vivermos em uma nova era: a era da informação, onde as dinâmicas urbanas e socioculturais são frequentemente mutáveis. Para tanto, o pensamento e a postura do arquiteto e urbanista precisa ser estruturado no decorrer de sua formação acadêmica e profissional. Todavia, o ensino dessas disciplinas praticado no Brasil passa, atualmente, por “uma crise” (LEITE, 2011). Depois de praticamente mais de meio século os arquitetos e urbanistas conquistaram a constituição de seu conselho profissional próprio, Conselho de Arquitetura e Urbanismo. A lei que criou o conselho estabeleceu atribuições, competências e habilidades, determinadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (2010). Isso tem levado algumas escolas de arquitetura e urbanismo a revisão de suas grades curriculares e conseqüentemente seu projeto pedagógico e suas abordagens de ensino.

O presente artigo é resultado de pesquisas e levantamentos, ainda em andamento, acerca de algumas metodologias de ensino de arquitetura em escolas brasileiras e estrangeiras. Apresenta como premissa duas abordagens metodológicas, identificadas como tradicional e experimental, com o objetivo de traçar um panorama sobre a prática do ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil e



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

esboçar questões frente à abordagem majoritariamente empregada no país, a tradicional, interpelando sobre sua eficácia no campo do ensino. Considerou-se como método tradicional àquele em que a relação de sala de aula entre professor e aluno é fortemente expositiva, na qual o professor explana e impõe direções, plenamente seguidas pelos discentes. Nessa estrutura de ensino há pouca proposição ou reflexão por parte do aluno e as disciplinas funcionam de forma independente, geralmente desvinculadas das outras. Em contrapartida, no método experimental o ensino se volta para a interdisciplinaridade buscando integração entre as disciplinas e entre o aprender a teoria na sala de aula e exercitá-la dentro de outras possibilidades. Os conceitos-chave desse método são a especulação e a reflexão por parte do aluno.

Através de um breve histórico sobre o ensino de arquitetura e urbanismo brasileiro, nos situaremos para então estabelecer um paralelo com o ensino experimental que pode ser encontrado em alguns países, notadamente: Inglaterra, Estados Unidos e Holanda, onde destacamos escolas de arquitetura, respectivamente: Architectural Association; The Irwin S. Chanin School of Architecture e Southern California Institute of Architecture; Faculty of Architecture and Built Environment. Para este artigo, apresentaremos a metodologia de ensino de duas escolas brasileiras: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Escola da Cidade; e duas escolas estrangeiras, Architectural Association e The Irwin S. Chanin School of Architecture. Estas análises das diferentes propostas metodológicas permitirão discutir se há uma possibilidade de uma possível interação entre estes dois métodos de ensino.

2 O ENSINO TRADICIONAL NO BRASIL

No Brasil, as raízes do ensino de arquitetura e urbanismo estão fixadas na matriz portuguesa. Nos primeiros anos de ocupação, não era de interesse dos portugueses povoar sua nova colônia, portanto não fora estabelecida nenhuma instituição de ensino no local. Porém, com as constantes invasões das costas brasileiras, não houve outra saída senão instaurar oficialmente, em 1699, o ensino de arquitetura militar no país (PEDREIRINHO, 1994).

Este panorama só se modificou novamente mediante a transferência da sede do governo de Portugal para a colônia, trazendo consigo toda a corte real. Assim, se fez necessária a implantação de um sistema de ensino funcional em arquitetura, ocorrendo em 1816, com a Escola Nacional de Ciências, Artes e Ofícios. Foi notória a influência da *École des Beaux-Arts* de Paris devido à presença do arquiteto francês Grandjean de Montigny, responsável pela sua estruturação.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Após a Proclamação da República e discussões sobre o sistema de ensino vigente, criou-se a Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), com novos ambientes e métodos de ensino. O país passava por um momento aquecido na área da arquitetura e do urbanismo, com grandes cidades sendo projetadas e o modernismo se afluando aos poucos. Em 1930, Lúcio Costa assume a direção da ENBA e suas propostas, apesar de não serem implantadas na época, mudaram o panorama do ensino no país (BRUAND, 1981).

Ao final da década de 40 até 1962, grandes mudanças ocorreram na estrutura curricular das instituições de ensino, quando estas começam um processo de abandono das correntes academicistas e emprego da estética modernista (ARTIGAS, 1977), influenciada pelos ideais funcionalistas e racionalistas de Le Corbusier, além dos conceitos de produção em massa da Bauhaus (GROPIUS, 2004).

Com a ditadura militar estabelecida em 1964, foi implementada a reforma universitária, em 1968, determinando um currículo mínimo que homogeneizava o ensino de arquitetura em um país de grande diversidade cultural e territorial. Esta reformulação perdurou até 1994, quando propostas de mudanças foram feitas por entidades de classe e pelo conselho profissional da época ao governo já democraticamente eleito (CONFEA/INEP, 2010).

A reformulação de 1994, atualizada em 2006 e 2010, não mais se apoiava em ideais academicistas e modernistas, que propunham um currículo mínimo homogêneo ao ensino. Denominada Diretrizes Curriculares para o Ensino da Arquitetura e Urbanismo, permitiu aos diversos cursos que tivessem projetos pedagógicos e grades curriculares que respeitassem os regionalismos e a diversidade cultural do país. Apesar da ampla liberdade de estruturação curricular permitida às instituições de ensino, são poucas aquelas que se destacam em suas abordagens metodológicas, pois em muitas, a tradição aluno - professor - sala de aula, foi mantida exclusivamente entre quatro paredes, não expandindo o local do ensino a outros ambientes diferenciados.

Hoje, o ensino de arquitetura e urbanismo no país atravessa um período de crise, levando-se em conta que, em um passado não distante, o Brasil conseguiu se inserir como uma das potências da arquitetura mundial, apresentando obras de excelente qualidade e construindo uma escola nacional. Atualmente, existem 360 cursos de arquitetura e urbanismo em 327 escolas/faculdades/cursos espalhadas por todo o território brasileiro¹, com a maior concentração na região sudeste. Este processo de massificação do ensino superior contradiz a situação de outros países que apresentam

desenvolvimentos interessantes no campo da Arquitetura, onde instituições de ensino superior de qualidade possuem diversos campi, atendendo uma população considerável de alunos (LEITE, 2011).

A abordagem amplamente difundida no país é a mais tradicional possível: o aluno executa as tarefas que lhe são dadas, o conhecimento é acumulado e armazenado, o que resulta em uma educação como produto final onde há pouca ou nenhuma reflexão sobre o trabalho feito, não sendo valorizado seu processo (MIZUKAMI, 1986). Há uma relação entre aluno e professor onde a construção do pensamento não é estimulada, assim como há entre as disciplinas: a multidisciplinaridade não é valorizada, mesmo com as Diretrizes Curriculares e a Carta da Unesco/UIA para Formação em Arquitetura atentando para a formação do “arquiteto generalista”. O espírito investigativo, atuando como fonte de construção do saber arquitetônico é ignorado, homogeneizando o ensino de um país que possui vasta extensão territorial e grande diversidade cultural e geográfica.

Porém, devem ser mencionadas algumas das escolas que conseguem se destacar no panorama de ensino nacional. Uma delas que esteve diretamente ligada à evolução do ensino no Brasil: a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Escola da Cidade, em São Paulo. Estas escolas serão mencionadas no tópico acerca da abordagem experimental por apresentarem características que fogem do padrão da maioria das escolas brasileiras.

3 O ENSINO EXPERIMENTAL

A evolução do ensino de arquitetura e urbanismo, tanto no Brasil como no resto do mundo, está relacionada diretamente com as conquistas sociais e tecnológicas, entre outras, que a sociedade moderna empreendeu, particularmente após a Segunda Guerra Mundial. Quando o modernismo entra em crise, principalmente depois que a nova geração de arquitetos passa a frequentar os Congressos de Arquitetura Moderna, CIAM, a partir de 1947, as propostas que foram feitas por esta nova geração (MAYUMI, s.d.) levou um pequeno grupo de arquitetos, liderados por Peter Cook, a pautar o fazer arquitetônico não em “convenções” até então existentes no ensino, e sim propor uma nova postura para o exercício projetual. E esta nova postura acabou por influenciar a maneira de ensinar arquitetura em algumas escolas.

Mas que ensino de arquitetura poderia ser este? Se considerarmos que a ideia da Bauhaus continha uma parcela de experimentação (GROPIUS, 2004), então podemos conjecturar que Peter Cook ao fundar o grupo Archigram, como informado em “The Archigram Archival Project”, disponível na

página online da University of Westminster (acessado em 28/05/2015), retoma a experimentação nos projetos de arquitetura e de urbanismo. Cook utiliza de traços experimentalistas em propostas radicais para as cidades, como em sua exibição de “Living Cities”. Porém foi apenas em 1970, com a publicação de seu livro “Experimental Architecture” que o “método experimental” passou a ser uma nova via do ensino. Cook (1970) procura afirmar sua tentativa de sugerir que a arquitetura experimental forma os componentes de uma atividade “gangorra” entre as investigações racionais de técnicas em uma extremidade e a acentuação do *novo* e da extensão dos limites do ambiente no outro. Por trás disso, é possível perceber o esforço contínuo para estabelecer diferentes preceitos e reduzir as incógnitas do atuar na arquitetura.

Esta metodologia de ensino e pesquisa tem influenciado algumas escolas de arquitetura de destaque mundial, como a The Cooper Union, The Irwin S. Chanin School of Architecture, localizada na cidade de Nova Iorque e a Architectural Association - AA, localizada na cidade de Londres, que apresentaremos apontando quais os diferenciais metodológicos do ensino de arquitetura que estas escolas desenvolvem dentro da abordagem experimental.

Architectural Association - Londres

A flexibilidade curricular é a principal característica do ensino na Architectural Association – AA, sediada no coração de Londres e considerada uma das melhores escolas de arquitetura do mundo. Formadora de renomados arquitetos, a AA foi fundada em 1847 e sempre se manteve como referência internacional por sua excelência acadêmica e caráter experimental e inovador, que visa fazer com que seus alunos assumam a possibilidade de reflexão sobre a arquitetura, a sociedade, a cidade, enfim, a reflexão em relação ao mundo. A pedagogia da escola gira em torno dos pequenos estúdios integrados desenvolvidos no decorrer de um ano, em que os alunos têm a oportunidade de escolher livremente dentre uma gama de aproximadamente 13 temas. Alunos de todos os anos tem a oportunidade de compartilhar as mesmas escolhas de estúdios integrados e disciplinas complementares de História, Teoria, Mídia e Estudo Técnicos, incentivando a troca de experiências entre eles. Arquitetura é ensinada como uma forma de conhecimento em que os alunos são expostos a uma variedade de diferentes métodos de concepção, abordagens para desenvolvimento da escrita e pensamento crítico.

O ensino é dividido em três ciclos. O primeiro ciclo, ou Foundation, a escola fornece aos alunos um ambiente intelectual que promove os seus interesses e explorações em arquitetura e artes. Metodologicamente o ano é organizado em torno da combinação de um estúdio de projeto de um ano e cursos complementares de História e Teoria, Mídia e Estudos Técnicos, além de uma combinação de seminários de temas variados, workshops e debates, o que ajuda os alunos a desenvolverem habilidades de forma individual complementado por um corpo abrangente de trabalhos que inclui textos, projetos e especulações. Quando concluído com êxito, o desenvolvimento de cada aluno se torna a base para avançar para o segundo ciclo, a Intermediate School, que abrange o primeiro, segundo e terceiro anos.

O Intermediate School fornece a base para a experimentação e desenvolvimento de projetos dentro da estrutura do sistema de unidades, ou estúdios integrados, onde os alunos têm a sua escolha atualmente treze estúdios integrados e cada um abrange uma ou mais de uma variedade de problemas de arquitetura. Além disso, os alunos têm uma carga horária mínima obrigatória de Estudos Complementares, que engloba História e Teoria, Mídias e Estudos Técnicos.

Igualmente ao ciclo anterior, se o aluno consegue avançar ele passa para o terceiro e último ciclo, o Diploma School, que corresponde ao quarto e quinto anos. Este ciclo oferece a oportunidade para a consolidação do conhecimento arquitetônico individual dos alunos, assim como suas habilidades e experiências. Há quatorze unidades do Diploma School, organizadas para proporcionar uma diversidade de interesses no campo da arquitetura. No Diploma School os estudantes são encorajados a desafiar suas próprias barreiras e limites, ampliando e consolidando, assim, seus conhecimentos e habilidades. Neste ciclo os alunos possuem, também, uma carga horária mínima de Estudos Complementares, menor do que no ciclo anterior.

O que difere o ensino na AA, além da experimentação, é que os problemas abordados nos estúdios integrados não se limitam a cidade de Londres e nem a Inglaterra. O ensino se expande para outras partes do mundo, inclusive para o Brasil, através dos ateliês itinerantes que são organizados e dirigidos por vários arquitetos conceituados residentes nas cidades para onde o estúdio itinerante se desloca. No Brasil a AA tem em Franklin Lee e Anne Beaurecueil os dirigentes dos ateliês que frequentemente acontecem em São Paulo e no Rio de Janeiro. Os dois arquitetos, brasileiros,

graduados pela AA, são fundadores do escritório multidisciplinar SUBdV Arquitetura, localizado em São Paulo. Lee, atualmente coordenador do programa “AA Brasil Visiting School”, foi professor da escola por cinco anos, assim como Beaurecueil, além de ter lecionado na Pratt Institute, em Nova Iorque e na Columbia University. Em entrevista dada aos autores deste artigo, Lee enfatiza que um dos diferenciais da AA é o estudo de cálculo e matemática, aplicados no âmbito da informática, dando rico embasamento para os alunos dominarem softwares de modelagem e representação digital, além dos estúdios integrados que incorporam estudos de engenharia com a arquitetura, possibilitando uma fluidez de informação entre as duas áreas. Ele reforça o caráter da pesquisa especulativa dos estúdios e a ampla liberdade que os alunos têm dentro dos mesmos. Conta também que todos os professores são atuantes no mercado e possuem seus próprios escritórios com trabalhos reconhecidos e estreitos conhecimentos em outras áreas, como a engenharia. Além disso, o rigor avaliativo da AA procura manter a qualidade do ensino e da instituição, exigindo a excelência de cada aluno através dos estúdios integrados, que são individuais. A AA conta com laboratórios e infraestrutura em constante aperfeiçoamento, que somados ao equilíbrio de crítica e oportunidade dentro da escola, fornecem condições favoráveis para o desenvolvimento pessoal de cada estudante (BOETTEGER, 2015).

The Cooper Union, The Irwin S. Chanin School of Architecture - Nova Iorque

The Cooper Union for the Advancement of Science and Art, criada em 1859, está entre as instituições mais antigas e ilustres dos Estados Unidos. A faculdade, fundada pelo inventor, industrial e filantropo, Peter Cooper, oferece uma educação de classe mundial em arte, arquitetura e engenharia, bem como um excelente corpo docente de ciências humanas e sociais. The Irwin S. Chanin School of Architecture é responsável pelo ensino da arquitetura. O currículo do curso foi projetado para preparar os estudantes para uma rica variedade de oportunidades na profissão, oferecendo uma ampla base cultural e intelectual nas artes liberais e como eles se relacionam com o projeto do ambiente construído em todas as escalas. A disciplina de arquitetura, interpretada no sentido mais amplo possível como uma prática cultural, é vista como base para ambos os programas de graduação e pós-graduação. Os alunos desenvolvem seus conhecimentos e habilidades de projeto dentro de um quadro de estúdios e cursos que estimulam a pesquisa e o debate sobre a natureza e o papel da arquitetura como uma prática cultural com profundas implicações sociais e ambientais. O conteúdo do currículo reflete valores éticos gerais; a interação professor-aluno é conduzida de forma intensiva no estúdio de projeto e em outras disciplinas e seminários. Dentro deste quadro, os



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

membros do corpo docente buscam incentivar os alunos a desenvolver os seus interesses individuais e pontos fortes, com uma tensão constante em fundamentos e um compromisso básico de dotá-los com uma capacidade duradoura para produzir uma arquitetura síntese significativa do social, estético e tecnológico. A relação entre arquitetura e outras disciplinas criativas é afirmada em vários momentos durante o curso.

A grade curricular é bastante simples, quando comparada à grade da Architectural Association, mas conta com estúdios de exímia qualidade. Os estúdios do primeiro ano buscam incentivar a investigação do espaço, da estrutura e da forma, influenciado pela ocupação e movimento do corpo humano, e situado no contexto desde o ambiente natural até o urbano. O segundo ano de estúdios são dedicados ao exame, por meio de exercícios de análise e projeto, dos "elementos" da arquitetura e suas incorporações, incluindo lugares e suas condições ecológicas, programas de necessidades, disposições espaciais e organização estrutural e ambiental.

Os estúdios do terceiro ano visam construir um pensamento da análise à síntese, a partir de análises de edifícios como um todo e exercícios de projeto de menor escala, até o desenvolvimento de um projeto abrangente para uma instituição programática e complexa. Para este fim, a faculdade responsável pelo ensino de tecnologia ambiental, tecnologia de construção e as disciplinas de estruturas, integram no estúdio de projeto com os professores de projeto, formando um estúdio integrado. No quarto ano, os estúdios estudam a relação da arquitetura institucional com redes urbanas e infraestruturas, o espaço público e tipologias, a partir da investigação de estratégias de reconstrução na sequência de catástrofes, o papel e a natureza de edifícios altos, a natureza das instituições públicas e privadas. No quinto e o último ano, o aluno desenvolve sua pesquisa e tese durante o trabalho final de graduação.

Apesar da grade simples e aparentemente tradicional, a Cooper Union conta com professores capazes de nortear e extrair dos alunos suas habilidades e qualidades. Anthony Vidler é reitor da Irwin S. Chanin School of Architecture desde 2002 e afirma que busca encorajar a comunidade de professores e alunos a encarar os problemas de um ponto de vista crítico, aproximando-os com pontos de partida para a pesquisa. A escola tem uma abordagem comum para todos os estúdios, sempre começando a aproximação do problema de projeto com análise histórica, formal e tecnológica. Assim, o trabalho dos alunos não se trata de imitação, mas sim de revelar as complexidades ocultas, paradoxos e disjunções do problema. A Cooper Union é, em todos os níveis,

uma instituição de pesquisa em projeto. Tudo o que é feito é voltado para a compreensão dos limites de problemas e pressionando esses limites, levantando questões sobre como vivemos no mundo de hoje. Compreender o processo de globalização não é uma questão de treinamento de sensibilidade, mas sim de investigação séria sobre as questões de diferença cultural, social, econômica e ecológica que implicam a necessidade de soluções arquitetônicas inovadoras. O desafio agora é como integrar essas questões em um quadro de ensino, como reestruturar as divisões disciplinares tradicionais para que eles naturalmente encarnem um tipo de alcance global de estudo. Existe uma tendência do setor profissional de questionar a validade da teoria. Mas este é um resultado, diz Vidler, do fato de que a própria ideia da Teoria se tornou isolada em si mesma, um exemplo da necessidade do meio acadêmico para dividir os seus assuntos em cursos. A melhor teoria da arquitetura é, nem mais nem menos, o pensar profundamente sobre arquitetura. Qualquer projeto tem uma construção teórica que lhe é inerente, quer você goste ou não. A Cooper Union sempre juntou suas investigações intelectuais para um profundo sentimento de responsabilidade urbana. Para o reitor, a questão é como ativar essa sensibilidade de modo que seja social e culturalmente eficaz, e diz preferir produzir um cidadão poderosamente responsável para o mundo, um arquiteto que tem conhecimento e habilidades, mas que ainda está investigando a melhor forma de aplicá-las, do que alguém que sabe automaticamente como um edifício deveria ser.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAU/UFRJ – enota em sua estrutura atual um conceito de que a profissão de Arquiteto e Urbanista é generalista por natureza e pode ser substanciada em um tripé formado por: beleza, funcionalidade e estabilidade. A estruturação curricular da FAU acontece por sistematização vertical de três ciclos: fundamentação, aprofundamento e síntese, responsáveis pela integração acadêmica e horizontalmente em quatro eixos: discussão, concepção, representação e construção, responsáveis pela unificação dos conteúdos programáticos.

A estruturação vertical de desenvolve por uma divisão de introdução, aprofundamento e desenvolvimento por semestres, sendo a fundamentação o primeiro ciclo. Este apresenta um caráter no qual se objetiva introduzir a diversidade do campo disciplinar da arquitetura e urbanismo e assim possibilitar a formulação de seus problemas intrínsecos. Inicia-se no primeiro período e se estende até o quarto período, onde predomina as disciplinas obrigatórias, concluindo com o primeiro

Trabalho de Integração. Já o segundo ciclo, de aprofundamento, se inicia no quinto período e visa o aprofundamento e detalhamento das questões esboçadas no ciclo inicial, além de objetivar-se na valorização dos diversos campos de atuação disciplinar, se estendendo até o segundo Trabalho de Integração, no oitavo período. O último ciclo, síntese, é responsável pelo desenvolvimento de conteúdos de organização profissional e de fundamentação ao trabalho final de graduação, apresentando plena liberdade de escolha do tema e sua problematização arquitetônica-urbanística. A esse ciclo propõe-se uma importante carga de disciplinas eletivas que permitirá a escolha de ênfases de conhecimento e perfis profissionais diferenciados.

A horizontalidade da estrutura curricular é formada por quatro eixos que permitem a integração cruzada, além de congregar aspectos específicos dos diferentes estágios da prática profissional do arquiteto-urbanista. O primeiro eixo, discussão, aborda os aspectos históricos, teóricos, estéticos e socioeconômicos da arquitetura e da cidade. Neste, há concentração de disciplinas que visam desenvolver nos alunos a análise e compreensão das diferentes escalas arquitetônicas e urbanísticas, fomentar a capacidade de formulação crítica e capacitar a elaboração de um discurso conceitual sobre a prática projetual. Já no segundo eixo, concepção, são congregadas as atividades sintetizadoras de projeto. No terceiro eixo, representação, se compreende tanto o estudo da representação geométrica dos espaços quantos os meios da expressão criativa. No quarto eixo, construção, se abrange o diálogo entre os diferentes aspectos técnicos, científicos e as tecnologias de execução dos objetos arquitetônicos e da cidade.

Esses eixos disciplinares são guias estruturadores do Ateliê Integrado que caracteriza-se por ser uma atividade teórica e prática, sendo que a carga horária é distribuída entre aulas teóricas de disciplinas específicas, aulas teóricas coletivas, aulas práticas das disciplinas específicas, aulas práticas do AI (ateliê) e atividades complementares. O Ateliê Integrado faz parte do novo currículo da FAU-UFRJ e encerram dois dos três ciclos do curso de Arquitetura e Urbanismo. O Ateliê Integrado 1 encerra o primeiro ciclo, ao final do segundo ano ou quarto período, que concentra disciplinas responsáveis pela instrumentalização necessária a uma primeira abordagem à linguagem arquitetônica. O Ateliê integrado 2 encerra o segundo ciclo, que se estende até o final do quarto ano ou oitavo período, com um aprofundamento dos conteúdos ministrados, considerando a aplicação do instrumental anteriormente apreendido. O ciclo final, no último ano do curso é composto pelo TFG1 e TFG2. O Ateliê Integrado visa exercitar o domínio das diferentes escalas, habilitar o aluno a projetar conjuntamente com espaços livres e edificados e apresentá-lo a potencialidade dos diversos sistemas

estruturais e construtivos. Espera-se, como consequência dessa estruturação, atividades acadêmicas e produtos que transcendam os limites das disciplinas, reforçando a interdisciplinaridade e possibilitando uma fuga da compartimentação dos diferentes campos do saber.

Escola da Cidade – São Paulo

Reconhecida pelo MEC em 2001, a Escola da Cidade ganhou destaque nos últimos anos tanto pelo projeto pedagógico – que recebeu nota máxima da avaliação do ministério, em 2005 – quanto pela proposta acadêmica que tem como espinha dorsal o Estúdio Vertical. Localizada na Vila Buarque, em São Paulo, a Escola se apresenta como um centro de estudos que procura introduzir e reinterpretar as diferentes formas de ocupação do espaço; destaca a intenção de formar arquitetos e urbanistas criativos e críticos à cidade. As alternativas encontradas para atender à qualidade de ensino proposta pela escola são vivenciadas no Estúdio Vertical e na Escola Itinerante.

O Estúdio Vertical, assim denominada a disciplina de projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo da Escola da Cidade, elabora um estudo acadêmico que integra discentes e docentes e abrange, também, diferentes disciplinas, experiências e laboratórios de pesquisas. A disciplina se desenvolve em três dias da semana, durante 3 horas/aula, em um momento de integração entre alunos e professores de diferentes disciplinas que trabalham juntos durante as aulas. Antes de obterem contato com o Estúdio Vertical os alunos concluem o ciclo básico, estruturado em disciplinas de Urbanismo, História, Arquitetura, Tecnologia, Desenho e Seminário. Após esse ciclo os acadêmicos se dividem em grupos ligados a um eixo temático no qual se pode chamar de “escritórios”. Os escritórios deverão receber um ou dois alunos de cada ano do curso o que garante uma troca de experiências, participação e convívio amplo de todo corpo discente, fortalecendo a identidade da disciplina. Recebe o nome Estúdio Vertical em menção a verticalidade de participação dos alunos de diversos anos do curso e, também, pela distribuição dos seus 1100 metros quadrados de ateliês de projetos em cinco andares.

Mesclado entre graduandos, mestres, especialistas e doutores o trabalho realizado no Estúdio Vertical se esquematiza em três fases: hipótese; fase de elaboração dos primeiros estudos e adoção da hipótese ao eixo temático, desenvolvimento; produção de conteúdo que deverá buscar a coerência da hipótese proposta com soluções de projeto ou pesquisas, e síntese; conclusão de produtos elaborados no desenvolvimento que representem projetos. A disciplina se apoia em orientações diversificadas por grupos de professores durante a semana. As pesquisas e os

desenvolvimentos dos projetos são fundamentados pelo seu acervo de livros encontrados na Biblioteca Vilanova Artigas e em seus laboratórios de pesquisa, como o LABCON, Laboratório de Conforto Ambiental, que atende os alunos com aparato técnico e científico, com equipamentos que permitem simulações computacionais e apoio estratégicos em suas análises; o Laboratório de Tecnologia e Construção da apoio a experimentação de protótipos com três espaços diferenciados; a maquetaria, o canteiro de obras e monitoria, que permitem testes físicos e de resistências de materiais e a experimentação de técnicas construtivas e estruturais e o Laboratório de informática que dá apoio na aplicação da técnica computacional do processo de projeto.

O Estúdio Vertical se estende até a metade do penúltimo ano de curso, quinto ano, tendo eixos com temáticas voltadas para questões reais, ligadas à vida nas cidades. Cada eixo tem duração de um ano letivo e se encerra com uma apresentação pública dos resultados teóricos e proposições desenvolvidas. Tem o seu percurso acompanhado pelas mesmas disciplinas do ciclo básico, porém, com cargas horárias diferenciadas, menores quantidades de hora/aula, e por atividades de extensão, como a Escola Itinerante, que permitem aos alunos a oportunidade de apurar a capacidade crítica, reflexiva e projetual, tendo contato com as produções arquitetônicas de diferentes regiões do Brasil e do mundo.

As atividades da Escola Itinerante decorrem das escolhas dos alunos por uma ou mais áreas de experiências, que ocorrem desde o primeiro ano de curso até o quarto, com uma ou duas viagens anuais de estudos que objetivam mostrar a pluralidade arquitetônica e promover aos alunos encontros com profissionais de arquitetura. A partir do quinto e se estendendo ao sexto ano, quatro grandes propostas são oferecidas: Estágio Assistido, Intercâmbio Acadêmico, Pesquisa Assistida e Ateliê de Obra. O Estágio Assistido proporcionará aos alunos experiências no âmbito da prática da arquitetura e do urbanismo de maneira a contribuir para a formação e trajetória acadêmica, podendo esse acontecer no país ou internacionalmente. O Intercâmbio Acadêmico tem como proposta oferecer ao aluno a possibilidade de experimentar, durante um semestre, outros modelos de ensino da arquitetura, vivências de diversas realidades sociais e urbanas em universidades conveniadas à escola. A Pesquisa Assistida possibilitará o desenvolvimento, com maior profundidade durante quatro a seis meses, do estudo e da pesquisa de temas do interesse do aluno a fim de contribuir para sua formação. A última proposta, o Ateliê de Obras, proporciona aos alunos, a partir de financiamento de equipes de trabalho, o desenvolvimento do projeto e da execução de uma obra de pequeno porte, permanente ou temporária, com duração de quatro a seis meses, ocorrendo seu

término ou não. A Escola Itinerante tem a finalidade de permitir aos alunos diversas experiências com os espaços urbanos e arquitetônicos, visando estabelecer relações e contrapontos, e estimular a pesquisa e atualização dos discentes.

4 É POSSÍVEL A ABORDAGEM EXPERIMENTAL COMO COMPLEMENTAR A ABORDAGEM TRADICIONAL DE ENSINO?

Esta pergunta é parte do título do artigo e foi com esta indagação que a pesquisa tem se deparado. Não há nenhuma certeza, ainda, da possibilidade de uma verdadeira interação entre as duas abordagens, porém o estudo que se desenvolve sobre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Escola da Cidade fornece algumas pistas para que continuemos na busca desta possibilidade.

As Diretrizes Curriculares para o Ensino da Arquitetura e Urbanismo, estabelecidas pela Resolução nº. 2 de 2010, é clara na sua abertura pedagógica já que não obriga nenhuma diretriz a ser seguida. Esta abertura permitiu que as escolas de Arquitetura e Urbanismo determinem as suas estruturas pedagógicas e parece que o ensino tradicional ainda é hegemônico no país. Esta colocação não é de toda errada, apesar de serem apresentadas somente duas estruturas pedagógicas de duas escolas brasileiras, mas a pesquisa já se enredou por outras poucas escolas que até agora não demonstraram nenhuma tendência a experimentação ou a algum diferencial na sua metodologia de ensino.

Como já foi colocado a pesquisa é ainda embrionária, porém já nos dá uma direção a seguir. Metodologicamente escolhemos as escolas com melhor avaliação do MEC. Há uma certa dificuldade em obtermos informações mais detalhadas das escolas tanto brasileiras como estrangeiras. A maioria dos dados e informações coletadas foi através dos sites das escolas e contatos com alguns professores e administradores. Porém os dados e informações já nos mostraram que o objeto da pesquisa tem como ser perseguido. Esperamos que este estudo se amadureça com a continuação da pesquisa acerca das diferentes abordagens do ensino, mas pelo que foi levantado até agora, não há nenhum indício de que uma abordagem diferenciada no processo de aprendizado seja inviável, uma vez que escolas que seguem as mesmas Diretrizes Curriculares conseguem se destacar no cenário nacional.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao aluno Cássio Douglas Valadares Torres, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, que participou ativamente na elaboração deste artigo, ao arquiteto Franklin Lee pelas valiosas informações sobre a Architectural Association e a equipe da Escola Itinerante da Escola da Cidade que proporcionou informações de relevante importância.

6 REFERÊNCIAS

- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Contribuição para o relatório sobre o ensino de arquitetura e urbanismo. In Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura. Sobre a história do ensino de arquitetura no Brasil, São Paulo, 1977.
- BOETTGER, Roberto. The Architectural Association: a pequena escola global de Londres. Revista AU, São Paulo.
- BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. Editora Perspectiva, São Paulo, 1981.
- Conselho Federal de Engenharia de Arquitetura e Agronomia/Instituto Nacional de Pesquisa Educacional Anísio Teixeira. Trajetória e estado da arte da formação em engenharia, arquitetura e agronomia, Brasília, 2010, v. X.
- GROPIUS, Walter. Bauhaus: novarquitectura. Editora Perspectiva, São Paulo, 2004.
- LEITE, Carlos. Ensino de arquitetura: o Brasil perdeu o rumo?. Revista AU, São Paulo, ano 26, nº 203, fevereiro 2011.
- MAYUMI, Lia. A Cidade Antiga nos CIAM, 1950-59. 6º Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói, 16 a 19 de novembro de 2005. Disponível em <http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Lia%20Mayumi.pdf> – acessado em 21/03/2014.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
- PEDREIRINHO, José. Maria. Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade. Editora Afrontamento. Porto, 1994.
- University of Westminster. <http://archigram.westminster.ac.uk/about.php?pg=archi> – acessado em 21/03/2014.

ⁱ Levantamento realizado pelo site e-mec.mec.gov.br em 21 de março de 2015.